

## DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira  
José Benedito Costinho Nogueira Filho

## CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,  
Cléo Porto, Ivair Suzana,  
José Benedito Costinho Nogueira Filho,  
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Salviani,  
Sergio Salvo, Suzana Machado Pádua

## DIRETOR EDITORIAL

Cléo Porto

## EDITORES EXECUTIVOS

Liana John  
Valdemar Staveli

## EDITORES

Luiz Figueiredo  
Nelson Ribeiro

## DIREÇÃO DE ARTE

Mathias Jereissan Fortanato

## ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Mathias Jereissan Fortanato  
Ronaldo Munho

## FOTOGRAFIA

Carlos Copelato, Fábio Colombini, Gabriel Trivellato,  
Ricardo Costódio, Rademar Neves D'Ávila,  
Victor Freitas

## COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Claudio Dutra, Eduardo Lacerda, Eduardo Soto,  
Fernando Kassab, Henrique Picavet,  
João Pedro Kogrenski, José Probst,  
José Traja Palazzi Jr., Pedro Viana

## JORNALISTA RESPONSÁVEL

Cléo Porto (RFB 20433)

## ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR - Antônio Wellington da Costa Lujan

## GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Elton Bagan

## DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chiriquia

## IMPRESSÃO - Globo Circulante

## PARA ANUNCIAR

Geralista Comercial (39) 3776-8535

Bahia: (71) 3243.3507 / 9134.9547

Brasília: (61) 3323.9100 / 9655.3664

Belo Horizonte: (31) 3423.6647 / 8793.6647

Rio de Janeiro: (21) 3776.6583 / 9157.8333

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:

65-0235-7446 / 1679-9602/9499

E-mail: regiane@terragente.com.br

## PARA ASSINAR

0800 703 3788

www.assinaterragente.com.br

## GRUP

Mídia e Comunicação  
Produção e Distribuição  
Pública e Privada



A revista Terra da Gente é uma publicação mensal da Terra da Gente Produções e Eventos Ltda, uma empresa do Grupo EPTV



## DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

### Não, não vai faltar chão...

**S**e os eventos de plantio no Dia da Árvore (21 de setembro) parecem desmobilizados há dois ou três anos, neste ano recuperaram público e prestígio. De botânicos a jardineiros, das crianças aos representantes da terceira idade, muita gente participou de mutirões, com mudas em punho, torcendo para as chuvas recuperarem o atraso e acertarem o passo com a entrada da primavera. Alguns até foram a mais de um evento no mesmo dia, incluindo os jornalistas de nossa redação. E o que faz a prática voltar com toda força, sem sombra de dúvidas, é a onda de neutralização de carbono, assunto ao qual voltamos na presente edição.

Já sabemos, há cerca de 20 anos, que as mudanças climáticas estão batendo à nossa porta, devido ao excesso de gases de carbono acumulados na atmosfera. Conhecemos algumas soluções – da redução de emissões ao sequestro de carbono pelo plantio de árvores – há pelo menos 15 anos, desde que foi assinada a Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (1992). Mas tudo isso nos parecia muito distante, coisa para diplomatas e governos.

Só acordamos para a abrangência e para a urgência das providências a tomar com a massiva discussão sobre o último relatório do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC), com a repetição à exaustão de aspectos do filme propagandeado pelo ex-vice-presidente norte americano Al Gore, e com a proliferação de eventos para discutir biocombustíveis, energias renováveis e outras substituições de emissores de gases de carbono, como os derivados de combustíveis fósseis.

Felizmente, no Brasil, o pânico diante das catástrofes anunciadas veio acompanhado de uma solução ao alcance de qualquer um: plantar árvores. Os programas de enriquecimento e recuperação florestal de organizações não-governamentais

já estabelecidas nunca foram tão populares. O interesse no voluntariado ambiental cresce exponencialmente, sobretudo quando o assunto envolve plantios. A demanda por participação vem de indivíduos, entidades e empresas totalmente alheios ao universo dos ambientalistas.

Com tanta movimentação, há quem se pergunte se não vai faltar espaço. E a resposta é não, de jeito nenhum. Além de suas dimensões continentais eternamente apregoadas, o Brasil tem um imenso déficit de árvores, seja nas áreas agrícolas abertas, abandonadas ou não; seja no paisagismo urbano, ou mesmo nas áreas dedicadas a reflorestamentos comerciais. O consumo de florestas plantadas para produção de carvão vegetal, lenha, papel e celulose é superior a 500 mil hectares anuais e o Brasil só tem cerca de 5 milhões de hectares de florestas plantadas, sendo que o tempo de crescimento das árvores destinadas a corte é, em média, de 10 anos. O que falta para atender ao mercado – sobretudo no caso do carvão vegetal – sai das matas nativas. Portanto há muito a recompor, muito a compensar.

Outra pergunta comum é se esses plantios de fato servirão ao seu propósito, que é retirar carbono da atmosfera. Isso é mais fácil de responder, dispensa estatísticas. Toda e qualquer planta retira carbono da atmosfera. Na verdade, toda a planta é feita de carbono, assim como nós – e qualquer outro animal do planeta – somos feitos de carbono. A diferença é que as árvores o estocam em sua madeira. E enquanto a madeira permanece íntegra – na árvore viva, na forma de móveis e objetos, ou no papel dos livros – o carbono continua fixado. Com ou sem carimbo oficial, os plantios cumprem o papel de fixar carbono, sim. Só é preciso cuidar para que nada aconteça às mudas e elas continuem crescendo até se transformarem em árvores.